

XLVIII

PAVOR DA MORTE

Numerosas explicações do orientador atendiam-me às indagações naturais, no entanto, restava aprender alguma coisa. Por que motivo se reuniam ali tantos desencarnados? Já que recebiam assistência espiritual, não poderiam congregar-se em lugares igualmente espirituais?

Respeitosamente, interrogei Aniceto nesse sentido.

— De fato, André — respondeu o mentor generoso — a maioria dos desencarnados recebe esclarecimentos justos em nossa esfera de ação. Você mesmo, nos primórdios da nova experiência espiritual, não foi conduzido ao ambiente de nossos amigos corporificados para o necessário encaminhamento. Grande número de criaturas, porém, na passagem para cá, sentem-se possuidas de “doentia saúdade do agrupamento”, como acontece, noutro plano de evolução, aos animais, quando sentem a mortal “saúdade do rebanho”. Para fortalecer as possibilidades de adaptação dos desencarnados dessa ordem ao novo “habitat”, o serviço de socorro é mais eficiente, ao contato das forças magnéticas dos irmãos que ainda se encontram envolvidos nos círculos carnais. Esta sala, em momentos como este, funciona como grande incubadora de energias psíquicas, para os serviços de aclimação de certas organizações espirituais à vida nova.

E, designando a grande assembléia de necessitados, continuou:

— Os irmãos, nas condições a que me refiro, ouvem-nos a voz, consolam-se com o nosso auxílio, mas o calor humano está cheio dum magnetismo de teor mais significativo para êles. Com semelhante contato, experimentam o despertar de forças novas. Por isso, o trabalho de cooperação, em templos desta espécie, enseja proporções que você, por agora, não conseguiria imaginar. Não observou os preguiçosos, os dorminhocos e invigilantes que vieram colhêr benefícios nesta casa? Pois êles também deram alguma coisa de si... Deram calor magnético, irradiações vitais proveitosas aos benfeiteiros dêste santuário doméstico, que manipulam os elementos dessa natureza, distribuindo-os em valiosas combinações fluídicas às entidades compatibiladas e inadaptadas.

E, sorrindo, concluiu, bondoso:

— Tudo tem algum proveito, André. Nosso Pai nada cria em vão.

Terminada a reunião com benefícios gerais, que não me cabe descrever pormenorizadamente, atendeu Aniceto ao facultativo desejo de aproveitar-lhe o concurso nobre, junto aos clientes.

— Grande número de vezes — exclamou o receitista dô grupo de Dona Isabel, como a prestar informações a Vicente e a mim — não só ministrámos medicação aos corpos doentes, mas também orientamos os desencarnados que, no curso da moléstia, se encontravam sob nossa assistência.

— E são sempre muitos? — indaguei.

— Número crescente — elucidou, atencioso. Há ocasiões em que contamos com a cooperação de amigos ou parentes espirituais dos enfermos; mas, na maioria dos casos, somos forçados a agir por nós mesmos. Felizmente, quase nunca estamos sem auxiliares dedicados e ativos. Há companheiros que se consagram a cuidar de tuberculosos, cegos, aleijados, leprosos, perturbados e moribundos isoladamente. São êles nossos devotados colaboradores em tôdas as situações.

Puseramo-nos a caminho e, a breves minutos, estacionávamos diante dum edifício de vastas porções.

O colega, gentil, conduziu-nos ao interior de silencioso necrotério, onde defrontamos um quadro interessante. O cadáver de uma jovem, de menos de trinta anos, ali jazia gelado e rígido, tendo a seu lado uma entidade masculina, em atitude de zélo. Com assombro, notei que a desencarnada estava unida aos despojos. Parecia recolhida a si mesma, sob forte impressão de terror. Cerrava as pálpebras, deliberadamente, receosa de olhar em torno.

— Terminou o processo de desligamento dos laços fisiológicos — exclamou o facultativo atento — mas a pobrelinha há seis horas que está dominada por terrível pavor.

E apontando o cavalheiro desencarnado, que permanecia junto dela, cuidadoso, o receitista esclareceu:

— Aquêle é o noivo que a espera, há muito. Aproximamo-nos um tanto e ouvimo-lo exclarar carinhosamente:

— Cremilda! Cremilda! vem! abandona as vestes rôtas. Fiz tudo para que não sofresses mais... Nossa casinha te aguarda, cheia de amor e luz!...

A jovem, todavia, cerrava os olhos, demonstrando não querer vê-lo. Notava-se, perfeitamente, que seu organismo espiritual permanecia totalmente desligado do vaso físico, mas a pobrelinha continuava estendida, copiando a posição cadavérica, tomada de infinito horror.

Aniceto, que tudo pareceu compreender num abrir e fechar dolhos, fez leve sinal ao rapaz desencarnado, que se aproximou comovido.

— E' preciso atendê-la doutro modo — disse o nosso orientador, resoluto — vejo que a pobrelinha não dormiu no desprendimento e mostra-se amedrontada por falta de preparação espiritual. Não convém que o amigo se apresente a ela já,

já... Não obstante o amor que lhe consagra, ela não poderia revê-lo sem terrível comoção, neste instantes em que a mente lhe flutua sem rumo...

— Sim — considerou êle, tristemente — há seis horas chamo-a sem cessar, identificando-lhe o terror.

Redargüiu Aniceto, conselheiral:

— Ausência de preparação religiosa, meu irmão. Ela dormirá, porém, e, tão logo consiga repouso, entregá-la-emos aos seus cuidados. Por enquanto, conserve-se a alguma distância.

E fazendo-se acompanhar do facultativo, que assistira espiritualmente a jovem nos últimos dias, aproximou-se da recém-desencarnada, falando com inflexão paternal:

— Vamos, Cremilda, ao novo tratamento.

Ouvindo-o, a moça abriu os olhos espantadiços e exclamou:

— Ah doutor, graças a Deus! que pesadelo horrível! Sentia-me no reino dos mortos, ouvindo meu noivo, falecido há anos, chamar-me para a Eternidade!...

— Não há morte, minha filha! — objetou Aniceto, afetuoso — creia na vida, na vida eterna, profunda, vitoriosa!

— E' o senhor o novo médico? — indagou, confortada.

— Sim, fui chamado para aplicar-lhe alguns recursos em bases magnéticas. Torna-se indispensável que durma e descance.

— E' verdade... — tornou ela de modo comovente — estou muito cansada, necessitando repousos...

Recomendou-nos o instrutor, em voz baixa, prestássemos auxílio, em atitude íntima de oração, e, depois de conservar-se em silêncio por instantes, ministrou-lhe o passe reconfortador. A jovem dormiu quase imediatamente.

Deslocou-a Aniceto, afastando-a dos despojos, com o zélo generoso dum pai, e, chamando o noivo reconhecido, entregou-a carinhosamente.

— Agora, poderá encaminhá-la, meu irmão.

O rapaz agradeceu com lágrimas de júbilo e vi-o retirar-se de semblante iluminado, utilizando a volição, a carregar consigo o fardo suave do seu amor.

Nosso mentor fixou um gesto expressivo e falou:

— Pela bondade natural do coração e pelo espontâneo cultivo da virtude, não precisará ela de provas purgatórias. E' de lamentar, contudo, não se tivesse preparado na educação religiosa dos pensamentos. Em breve, porém, ter-se-á adaptado à vida nova. Os bons não encontram obstáculos insuperáveis.

E, desejoso talvez de consubstanciar a síntese da lição, rematou:

— Como vêem, a idéia da morte não serve para aliviar, curar ou edificar verdadeiramente. E' necessário difundir a idéia da vida vitoriosa. Aliás, o Evangelho já nos ensina, há muitos séculos, que Deus não é Deus de mortos, e, sim, o Pai das criaturas que vivem para sempre.

XLIX

MÁQUINA DIVINA

Não se passaram muitos minutos e estávamos ao lado do agonizante, cuja situação preocupava o clínico espiritual.

Era um cavaleiro de sessenta anos presumíveis, que a leucemia aniquilava morosamente.

— Há muitos dias se encontra em coma — explicou o facultativo — mas temos necessidade de mais forte auxílio magnético, para facilitar o desprendimento.

No aposento, além de duas senhoras desencarnadas, a mãe do agonizante e uma parente próxima, viam-se familiares encarnados, dando mostras de grande aflição.

Nosso orientador examinou o enfermo detidamente e sentenciou:

— Nada resta senão a necessidade de concurso para o desligamento final.

Aniceto, a seguir, recomendou observássemos o moribundo com atenção.

Concentrando tôdas as minhas possibilidades, fixei o enfermo prestes a desencarnar. Notei, com detalhes, que a alma se retirava lentamente através de pontos orgânicos insulados. Assombrado, verifiquei que, bem no centro do crânio, havia um foco de luz mortiça, variando ligeiramente de forma, como a chama dum candelabro aceso às ondulações brandas do vento. Enchia tôda a região encefálica, despertando-me profunda admiração.